

Jornal da Madeira / Região / 2010-11-03

Ex-combatentes pedem transladação das ossadas de militares sepultados no Ultramar

País tem de trazer corpos dos seus heróis



Os ex-combatentes madeirenses reclamaram ontem ao Estado a transladação das ossadas dos militares mortos e sepultados no Ultramar, de modo a que possam descansar para sempre na sua Terra Mãe. Acácio Pestana defendeu que o País «não se pode alhear dos seus heróis». As palavras foram proferidas durante a cerimónia de homenagem aos ex-combatentes, que se realizou na Mata da Nazaré.

A Comissão Organizadora do Monumento ao Combatente do Ultramar lamentou ontem que as ossadas de alguns dos militares mortos e sepultados em terras africanas esperem «há décadas pelo seu regresso às origens» e defendeu que o País tem o dever de os trazer de volta.

«Portugal está vivo. Portugal não se pode alhear dos seus heróis, eles que, com o seu sacrifício e conduta, vão enriquecendo o legado da nossa História».

A posição foi expressa ontem por Acácio Pestana, na cerimónia de homenagem aos combatentes falecidos no Ultramar, que decorreu junto ao referido monumento, situado na Mata da Nazaré. Acto onde estiverem presentes representantes de todos os ramos das Forças Armadas na Região, ex-combatentes, familiares e população, que assistiram ao acender da chama da Pátria, hastear da Bandeira Nacional ao som do Hino português e deposição de flores no monumento do Combatente. A convite da Comissão Organizadora, a cerimónia foi dirigida pelo comandante Maia Pereira.

Referindo-se àqueles cujas ossadas esperam pelo regresso à Terra Mãe, Acácio Pestana, membro da Comissão Organizadora, salientou que «a Pátria exigiu-lhes o sacrifício supremo», o que fizeram, «oferecendo-lhe o seu sangue». Daí ter considerado que «o País não os pode ignorar, nem fugir ao dever de trasladar os seus restos mortais».

A homenagem da Comissão Organizadora foi também para os combatentes que regressaram com vida das suas missões no Ultramar, mas que, «entretanto, nos vão deixando, a caminho da eternidade».

A justificar a homenagem ontem prestada, Acácio Pestana lembrou aos presentes que «reunimos os vivos para, com emoção e saudade, evocarmos os nossos mortos, alguns deles nossos companheiros de armas na mesma unidade operacional».

Para além disso, o acto serviu também, segundo Acácio Pestana, para «depositar nas mãos e na

alma das gerações mais novas a doce, sólida e verdadeira vontade do querer, que nos parece andar fugidio e por caminhos e metas difusas».

Quanto à chama da Pátria, acesa durante a cerimónia, Acácio Pestana defendeu que «nunca se poderá apagar no coração de todos os portugueses» e apelou a que todos cantassem com brio o Hino Nacional.

A título de curiosidade, refira-se que esteve presente na cerimónia Fernando Fernandes, um dos três gémeos que serviram a Pátria durante a guerra no Ultramar. Facto que, como salientou, é, ainda hoje, «um caso único no País e no mundo inteiro». Conforme explicou, cada um deles teve de cumprir o seu tempo de guerra em tempos diferentes. Só depois do primeiro cumprir o seu “tempo de tropa” é que o segundo avançou para o Ultramar, o mesmo acontecendo com o terceiro quando o seu antecessor terminou a sua missão ultramarina.

Fonte: <http://www.jornaldamadeira.pt/not2008.php?Seccao=14&id=166492&sup=0&sdata=>

